

Composições rizomáticas: as escritas jornalística e literária atravessadas pelo método da cartografia em pesquisas da Psicologia e Educação Matemática

Taborda, Jeferson Camargo ¹

Rodrigues, Thiago Donda ²

Risso, João Paulo ³

RESUMO

O presente artigo discute, por meio da pesquisa bibliográfica, algumas potencialidades da perspectiva cartográfica na criação de estratégias de pesquisa para além dos formatos acadêmicos tradicionais. Por privilegiar a produção de diferenças, a cartografia possibilita a inovação de outros modos de escrever e de pensar a prática da pesquisa. O formato jornalístico assim como o romance literário são alguns dos atravessamentos que trazemos aqui para esta reflexão e que são problematizados a partir da noção de rizoma. São apresentadas três pesquisas que experimentam essas possibilidades: a primeira, do campo da Psicologia, cartografa notícias e comentários sobre pichações para discutir as relações de poder presentes na vida urbana; e as outras duas do campo da Educação Matemática, uma, a partir de um jornal fictício, traça uma cartografia na Educação de Jovens e Adultos, problematizando os processos de exclusão em ambiente escolar; e outra, por meio de um romance, problematiza as injustiças sociais e busca resistir e colocar em movimento militâncias em aulas de Matemática e outros espaços. Estas experiências provenientes de campos aparentemente tão distantes como a Psicologia e a Educação Matemática só reforçam a potência da cartografia em trabalhar com as diferenças.

Palavras-chave: cartografia; jornal; literatura.

Rhizomatic compositions: journalistic and literary writings crossed by the cartography method in Psychology and Mathematics Education research

ABSTRACT

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Professor de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email: jeferson.taborda@ufms.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0631132223013537>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1564-3212>.

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Professor de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email: thiago.rodrigues@ufms.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8621868468317480>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3125-7779>.

³ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutorando em Educação Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email: joaormat@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7712142437485115>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0552-7034>.

This article discusses, through bibliographical research, some potentialities of the cartographic perspective in the creation of research strategies that go beyond traditional academic formats. By privileging the production of differences, cartography enables the innovation of other ways of writing and thinking about the practice of research. The journalistic format as well as the literary novel are some of the crossings that we bring here for this reflection and that are problematized from the notion of rhizome. Three studies are presented that try out these possibilities: the first, from the field of Psychology, maps news and comments about graffiti to discuss the power relations present in urban life; and the other two from the field of Mathematics Education, one, based on a fictitious newspaper, traces a cartography in Youth and Adult Education, problematizing exclusion processes in the school environment; and another, through a novel, problematizes social injustices and seeks to resist and set in motion militancy in Mathematics classes and other spaces. These experiences coming from fields apparently as distant as Psychology and Mathematics Education only reinforce the potency of cartography in working with differences.

Keywords: cartography; newspaper; literature.

**Composiciones rizomáticas: escritas periodísticas y literarias
atravesados por el método de la cartografía en las investigaciones en
Psicología y Educación Matemática**

RESUMEN

Este artículo discute, a través de la investigación bibliográfica, algunas potencialidades de la perspectiva cartográfica en la creación de estrategias de investigación que van más allá de los formatos académicos tradicionales. Al privilegiar la producción de diferencias, la cartografía permite innovar otras formas de escribir y pensar la práctica de la investigación. Tanto el formato periodístico como la novela literaria son algunos de los cruces que traemos aquí para esta reflexión y que se problematizan desde la noción de rizoma. Se presentan tres estudios que ensayan estas posibilidades: el primero, desde el campo de la Psicología, mapea noticias y comentarios sobre el graffiti para discutir las relaciones de poder presentes en la vida urbana; y las otras dos del campo de la Educación Matemática, una, a partir de un periódico ficticio, traza una cartografía en la Educación de Jóvenes y Adultos, problematizando los procesos de exclusión en el ámbito escolar; y otra, a través de una novela, problematiza las injusticias sociales y busca resistir y poner en marcha la militancia en las clases de Matemáticas y otros espacios. Estas experiencias provenientes de campos aparentemente tan distantes como la Psicología y la Educación Matemática no hacen más que reforzar la potencia de la cartografía en el trabajo con las diferencias.

Palabras clave: cartografia; periódico; literatura.

INTRODUÇÃO

A perspectiva cartográfica desenvolvida por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) é um convite à multiplicidade e às diferenças. Se a realidade é rizomática⁴, tal como argumentam os autores, defendemos que a escrita acadêmica precisa ser inventiva e potente, pois de outro modo ela poderá estar reduzida ao campo da mera abstração.

Para tanto, apresentamos, por meio da pesquisa bibliográfica, três pesquisas que ousaram experimentar outros modos de escrita acadêmica. A primeira, proveniente da Psicologia, faz um diálogo com o estilo jornalístico traçando uma cartografia de notícias sobre a prática da pichação e as tensões que ela provoca na vida urbana. A segunda pesquisa, já do campo da Educação Matemática, a partir de um jornal fictício, traça uma cartografia na Educação de Jovens e Adultos, problematizando os processos de exclusão em ambiente escolar; e a terceira, ainda neste campo, propõe a escrita de um romance ao mesmo tempo em que problematiza as injustiças sociais e busca resistir e colocar em movimento militâncias em aulas de Matemática e outros espaços. Estamos entendendo a pesquisa bibliográfica junto a Prodanov e Freitas (2013, p. 54):

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (Prodanov; Freitas, 2013, p. 54).

Para iniciar esta discussão sobre os diferentes estilos de escrita científica passaremos agora a elucidar as relações entre estas e a perspectiva cartográfica. Num primeiro momento apresentamos a escrita jornalística para em seguida abordarmos o estilo literário e suas diferentes conexões.

⁴ Conforme os autores, a ciência sempre foi pensada de forma arborescente (modelo da árvore), refém de um pensamento transcendente, linear e distanciado do real. Para tanto, defendem que a realidade está muito mais próxima do rizoma, tal como a grama, um sistema complexo, sem começo nem fim (Deleuze; Guattari, 1995).

Para demonstrar a potência do estilo jornalístico à pesquisa acadêmica, podemos recorrer ao antropólogo Bruno Latour (1994). Ele inicia seu livro *Jamais fomos modernos* mostrando como uma simples leitura de jornal percorre diversas redes:

[...] as páginas de Economia, Política, Ciências, Livros, Cultura, Religião e Generalidades dividem o layout como se nada acontecesse. O menor vírus da AIDS nos faz passar do sexo ao inconsciente, à África, às culturas de células, ao DNA, a São Francisco (p. 8).

A composição do jornal aproxima-se da cartografia não só pela multiplicidade de mãos que o escrevem, mas principalmente pela profusão de linhas a serem seguidas. Existem os autores principais das matérias, mas há também os editores, colunistas, cientistas, especialistas convidados e documentos de autoridades, sem contar a intervenção dos leitores, que afetam as produções posteriores (Taborda, 2017).

Estas multiplicidades não estão distantes das pesquisas acadêmicas, pois também as pesquisas são compostas por várias linhas, tal como as relações com o(a) orientador(a), o corpo docente do programa, as pessoas participantes da pesquisa... Isso sem contar os atores não humanos (Latour, 1994) tais como computadores, livros, textos acadêmicos, etc., que também irão afetar o processo de escrita das pesquisas.

Para Latour (1994), as redes são ao mesmo tempo reais, coletivas e discursivas; as colunas que separam o natural, o político e o discursivo são por demais permeáveis, permitindo que temas complexos se misturem e se atravessem uns aos outros. O autor ensina que a composição de um material como o jornal nada tem de inocente e que os elementos que o compõem, mesmo heterogêneos e tão díspares, além de já estarem conectados, convocam novas conexões.

A multiplicidade de caminhos de leitura no jornal e de certos textos literários assemelha-se à da obra *Mil Platôs*, de Deleuze e Guattari (1980/1995), cuja leitura pode ser iniciada por caminhos diversos. A ideia de múltiplas entradas está diretamente relacionada a uma “epopeia do olho”:

Da televisão ao jornal, da publicidade a todas as epifanias mercadológicas, a nossa sociedade canceriza a vista, mede toda a realidade por sua capacidade de mostrar ou de se mostrar e transforma as comunicações em viagens do olhar. É uma epopeia do olho e da pulsão de ler (Certeau, 1998, p. 48).

A racionalidade ocidental, ancorada na ideia de ordem e progresso, não apenas privilegiou a visão como órgão do conhecimento, subestimando os demais sentidos, como também ignorou a potência do caos e o que se produzia nas sombras (Scisleski; Hünning, 2016). A relação corpo-visão-afeto é muito bem expressa por Baptista: “[...] o olho que arrasta o corpo na direção da falta. [...] O corpo que arrasta o olho na direção do medo” (Baptista, 2010, p. 58). A leitura do jornal e dos textos literários é da ordem da multiplicidade, pois depende dos afetos que são produzidos nos encontros.

As múltiplas entradas do jornal permitem trajetos de leituras totalmente distintas, conforme os interesses. É a gagueira criativa e..., e..., e... (Deleuze; Guattari, 1995), que substitui a conjunção alternativa “ou” pela conjunção aditiva “e”, que faz variar as possibilidades de leitura do jornal: leio a página policial e os classificados e a matéria principal e os colunistas... Posso seguir o sentido inverso, assim como muitos outros (Taborda, 2017).

Vimos que para a cartografia as notícias jornalísticas se encontram dispostas em uma rede política-social-discursiva e não permitem reduzir o jornal a um mero mecanismo de representação da realidade. Passaremos agora para uma breve análise das potencialidades da literatura, leitura e escrita, e como ela pode ser igualmente interessante para a produção de conhecimento científico.

Peters (2000) argumenta que uma característica muito comum nos estudos pós-estruturalistas é a presença da literatura, principalmente de escritores marginais. Kafka, Baudelaire, Proust, dentre outros, são referências constantes nos textos foucaultianos, assim como de Deleuze e Guattari. A escolha pela literatura marginal está diretamente relacionada aos temas marginais pelos quais estes autores se debruçaram: a prisão, a loucura, os desejos desviantes... Isto porque a literatura tem esta capacidade de nos transportar para o corpo das personagens, percorrer espaços intransitáveis e, principalmente, de sermos atravessados por diferentes afetos.

Este argumento está próximo da proposta de Adriana Facina (2004), segundo a qual a literatura não pode ser reduzida a um simples reflexo da sociedade, visto que ela expressa perspectivas de mundo, ou seja, valores e crenças baseadas em experiências concretas. Para além da simples fruição, a leitura de uma obra literária implica no compartilhamento de experiências não apenas do(a) autor(a) da obra, mas também dos grupos e instituições que afetam a realidade de quem escreve. Um exemplo disto se dá em fenômenos do passado, que mesmo experienciados em outras épocas podem nos ajudar a

acompanhar como as subjetividades eram produzidas assim como elucidar problemas atuais (Taborda, 2022).

Talvez seja conveniente trazer aqui a afirmação de Antoine Compagnon para quem a leitura e a escrita literária sempre caminham juntas. Segundo este autor, “a citação tenta reproduzir na escrita uma paixão da leitura [...]. A citação repete, faz com que a leitura ressoe na escrita: é que, na verdade, leitura e escrita são a mesma coisa” (1996, p. 29 apud Taborda, 2022).

Para Michel de Certeau (1994), os movimentos silenciosos da leitura assim como da escrita não devem ser menosprezados pela ciência, pois é aí que a vida é produzida. Para ele, o ato de ler e escrever apresenta todas as características de uma produção silenciosa: “um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor” (Certeau, 1994, p. 49). É preciso destacar ainda que estas múltiplas possibilitadas pela leitura/escrita, seja do jornal seja da literatura, se aproxima muito do quinto e do sexto princípios do rizoma:

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (Deleuze; Guattari, 1995, p. 30).

Se, de certo modo, os jornais e certos escritos literários já funcionam a partir de uma forma rizomática, não seria igualmente interessante as pesquisas acadêmicas se aproveitarem dessa potência? Para tanto, antes de tudo, será preciso exorcizar qualquer ideia de representação. Tanto os jornais e produções literárias quanto as pesquisas acadêmicas não podem ser vistas apenas como representações do real: trata-se, antes de mais nada, de produções ativas do conhecimento, implicadas na realidade, produzindo efeitos e afetos diversos. Para Deleuze e Guattari (1995), quando se pensa apenas pela via da representação, está se privilegiando o aspecto da cópia ao invés do rizoma e as multiplicidades do real. Segundo os autores, a lógica do decalque é sempre um retorno do mesmo, da identidade, funcionando a partir da lógica representacionista.

Se a perspectiva representacionista constitui-se num obstáculo para uma escrita criativa, qual estratégia poderia ser tomada? Foucault (1974), ao problematizar as verdades jurídicas e o conceito de representação, aponta para a ideia de prática social. Conforme o autor, mesmo nas pesquisas mais críticas, é comum encontrar a herança cartesiana e kantiana de um suposto sujeito

fundante do conhecimento. Como uma crítica radical a esse modelo racionalista-iluminista, o filósofo propõe que se parta das práticas sociais para problematizar o engendramento de verdades e a produção dos sujeitos. Se pensarmos o jornal, a literatura e a pesquisa como práticas sociais, o modelo representacionista que comumente lhes é atribuído perde a força. Em vez da representação, veremos o quanto as práticas sociais são presentativas, isto é, no sentido de estarem presentes (Spink, 2010).

Como dito antes, a escrita acadêmica não representa ou apenas traduz as lutas que veicula; ela própria exerce poderes, enuncia os posicionamentos ético-políticos daqueles que dele fazem uso: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (Foucault, 1996, p. 10).

Sendo a escrita acadêmica uma prática social, trata-se de um grande erro entendê-la como a busca de verdades universais, tal como prega a cartilha positivista. Mais apropriado será a invenção de formas de escritas que sejam capazes de dialogar com a realidade que se está investigando. Dito de outro modo, a escrita acadêmica precisa ser inventiva o bastante para dar conta da realidade já que ela é, sobretudo, rizomática.

Dito isto, vale pensar que uma das principais características do rizoma é que ele não possui centro. Mas,

Em um sistema acêntrico, como conceber a direção metodológica? A metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos*. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 10-11)

Costa (2014), em um importante artigo introdutório sobre cartografia, apresenta alguns elementos caros a tal método. Alguns deles são: i) é necessário movimento por parte do cartógrafo; ii) o trabalho do cartógrafo incide sobre o processo, nunca o fim; iii) é preciso habitar um território para



cartografar; iv) “Ao invés de perguntar pela essência das coisas, o cartógrafo pergunta pelo seu encontro com as coisas durante sua pesquisa. No lugar de o que é isto que vejo? (pergunta que remete ao mundo das essências), um como eu estou compondo com isto que vejo?” (Costa, 2014, p. 70); v) um elemento fundamental da cartografia é o encontro (não necessariamente o encontro entre pessoas); vi) “O cartógrafo, ao cartografar o que se passa nos intervalos, deve aprender muito com a grama. É no espaço não-cultivado das importâncias culturais e sociais que ele colocará seu olho e corpo” (Costa, 2014, p. 73); vii) a cartografia é um conhecer-fazendo; viii) “O cartógrafo precisa necessariamente ter uma sensibilidade suspeita, precisa ter algo que, embora pareça muito comum, é cada vez mais raro: uma genuína curiosidade” (Costa, 2014, p. 74); “o cartógrafo pode ser um filósofo, sociólogo, um psicólogo, mas ele também terá de ser um historiador, um geógrafo, um sintomatologista, um clínico e, sobretudo, um artista” (Costa, 2014, p. 75).

Rolnik (2016, p. 23) também nos ajuda a entender o trabalho do cartógrafo:

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropólogo.

A cartografia é liberdade e inventividade e experiência e sensibilidade e... É liberdade porque na cartografia não há a obrigação de se seguir um único caminho para produzir o mapa. É inventividade porque não necessariamente precisa-se utilizar procedimentos já disponíveis, pode-se criar procedimentos próprios, pode-se modificar os procedimentos disponíveis de acordo com as demandas da pesquisa. É experiência porque ao fazer uso da cartografia se está aberto ao que pode acontecer em campo, não se poda o acontecimento, ao contrário, busca-se vivenciar cada particularidade do mesmo. É sensibilidade porque na cartografia a sensibilidade guia o cartógrafo na construção da própria metodologia, os pequenos detalhes não são ignorados, pois os mesmos podem ter grande valia.

Ao aproximarmos ainda mais a potência do jornal e da literatura e a potência da pesquisa acadêmica cartográfica enquanto prática social, podemos ampliar nossas possibilidades. Sabe-se que se tratam de práticas sociais distintas, tanto em relação a seus meios quanto no que tange aos seus fins.

Mas por que não aproximar a potência rizomática delas? Em vez de tomar o formato jornalístico e a literatura como algo distante da acadêmica, por que não produzir conhecimento a partir de suas potências?

A seguir serão apresentadas as algumas pesquisas de doutorado que experimentam a cartografia para além dos formatos acadêmicos tradicionais. A primeira traça uma cartografia de notícias e comentários sobre pichações. A segunda, partir de um jornal fictício, traça uma cartografia na Educação de Jovens e Adultos, problematizando os processos de exclusão em ambiente escolar. E a terceira, por meio da forma literária de um romance, problematiza as injustiças sociais e busca resistir e colocar em movimento militâncias em aulas de Matemática e outros espaços.

O jornal e a cartografia: notícias e comentários sobre pichações

Na tese de doutorado intitulada *Uso dos espaços e uso dos afetos: cartografias da prática da pichação para pensar as relações entre a cidade e a governamentalidade* (Taborda, 2017) foram investigadas notícias e comentários sobre pichações a fim de discutir as relações de poder presentes na vida urbana.

Ancorada nos referenciais pós-estruturalistas, a pesquisa se encontra disposta rizomaticamente na forma de um jornal e composta pelos seguintes elementos: *Editorial*, onde é anunciada a proposta da tese e os principais conceitos que serão utilizados; o *Caderno A* onde se encontram cinco notícias selecionadas sobre a prática da pichação e seus respectivos comentários. Em seguida os *Cadernos Especiais* compostos pelas colunas *Cotidiano*, *Economia* e *Cidade*, versando sobre discussões específicas da vida urbana. Por fim, a *Nota da Redação* onde são tecidas as considerações finais. Importante ainda salientar que, tal qual um jornal, a ideia é que a leitura possa ser iniciada por qualquer um dos “cadernos”, pois o que se enfatiza são exatamente suas múltiplas entradas possíveis (Taborda, 2017).

O autor explica que as notícias foram escolhidas segundo a intensidade dos comentários ali deixados, pois indicam um certo afetamento tanto em relação à cidade quanto no que se refere ao governo de si e do outro. Além das notícias, diversos outros elementos do campo da arte, tais como canções de rap, fotografias, figuras e textos literários, foram utilizados como intercessores para ajudar a compor uma espécie de mapa afetivo sobre a cidade. Estas cartografias heterogêneas buscaram problematizar como os usos dos espaços e o uso dos afetos constituem alguns processos de subjetivação na vida urbana atual (Taborda, 2017).

O autor inicia discutindo a perspectiva de Deleuze e Guattari (1995), na qual a realidade é composta por inúmeras linhas heterogêneas que se conectam em uma multiplicidade de práticas, compondo certo plano de consistência. A multiplicidade de notícias que atravessam os diversos estratos sociais constituem algumas dessas linhas. Para a cartografia, tudo está na superfície, não havendo nada a interpretar, somente a experimentar (Deleuze; Guattari, 1995).

Essas linhas formam um plano de consistência como um grande novelo de lã que deve ser esmiuçado a fim de dar visibilidade aos mecanismos que o engendram. Não se trata, portanto, de interpretar matérias jornalísticas ou comentários, e sim de experimentar e problematizar não apenas o que está sendo dito, mas o modo e as condições do que foi dito (Taborda, 2017).

Para tornar mais didática a proposta da cartografia, o autor cita Kastrup, Barros e Escóssia (2010) que apresentam as linhas analisadas por esse método: linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força e linhas de subjetividade. As linhas de visibilidade indicam aquilo que pode ser visto e dito em uma determinada época. As linhas de enunciação são emitidas em forma de bloco, mas, geralmente, são formadas por outras linhas de visibilidade distintas que foram historicamente aproximadas. Tais aproximações só são possíveis por conta das linhas de força, ou seja, os jogos de poder-saber que atualizam a visibilidade de certos discursos, e não de outros (Kastrup; Barros; Escóssia, 2010).

A alegada “neutralidade científica” ou “imparcialidade jornalística” é parte de um jogo de lançar luz apenas ao que convém e deixar nas sombras aquilo que não se quer que seja dito nem visto:

O excesso de luminosidade ofusca. Faz doer os olhos, que precisam descansar. Nos dão dor de cabeça. E também cegam. As sombras que sobram e o breu que obscurece – que foram propositalmente colocados fora daquilo que é contemplado como campo do saber – paradoxalmente deixam de existir e continuam presentes (Scisleski; Hünning, 2016, p. 11).

Seja no discurso acadêmico, jurídico ou jornalístico é possível ver as linhas de força agindo. É preciso destacar que estas linhas só ganham sua força graças às linhas de subjetividade que produzem constantemente os sujeitos. Também chamadas linhas de fuga, essas linhas são o próprio devir, o

acontecimento em toda a sua fugacidade, razão pela qual os sujeitos estão sempre escapando e sendo capturados (Kastrup; Barros, Escóssia, 2010).

Os comentários das notícias são alguns rastros desses processos de subjetivação. A noção de acontecimento é fundamental para entender esse processo, uma vez que está atrelada à ideia de intensidade que compõe o plano dos afetos, isto é, no sentido spinozista, a intensidade presente nos menores acontecimentos indica o modo como somos afetados e repercutirá no uso que faremos desses afetos (Deleuze, 1981/2002).

Conforme Taborda (2017), na cartografia os afetos do pesquisador são estrategicamente colocados a favor da pesquisa, não de um modo ensimesmado, mas contra uma pretensiosa “imparcialidade científica” implícita ou mesmo explícita em certos discursos científicos. A cartografia pressupõe uma postura ativa e implicada na produção do conhecimento. O exercício cartográfico trata, assim, de acompanhar o modo como as linhas de visibilidade, de enunciação, de força e de subjetivação presentes nas matérias jornalísticas forjam certo diagrama. É por isso que é próprio das pesquisas cartográficas fazerem experimentações com inúmeros campos: matérias jornalísticas, documentários, registros fotográficos, dentre outros.

O autor comenta o texto *A vida dos homens infames* de Michel Foucault (1977/2006) para discutir a relação entre as notícias e as relações de poder-saber. Neste texto Foucault apresenta os efeitos de poder das *lettres de cachet*, as cartas régias com ordens de prisão: “o termo ‘notícia’ me conviria bastante para designá-los, pela dupla referência que ele indica: a rapidez do relato e a realidade dos acontecimentos relatados” (p. 203, grifo do autor). Em algumas linhas, vidas que passariam totalmente alheias à história, ao serem iluminadas por registros de internação de loucura, sofriam uma dupla captura: tanto de seus corpos quanto de sua existência, por meio do registro (Foucault, 2006).

Os comentários emergem como aquilo que Certeau (1994) menciona sobre a participação ativa dos leitores. Essa atividade torna-se mais visível quando encontramos registrados os comentários sobre as notícias lidas. Os comentários indicam rastros, movimentos que nada têm de passivos, pois ali também está sendo forjada outra infinidade de produções (Taborda, 2017).

Contudo, se somos o tempo todo afetados por uma multiplicidade de notícias e informações, por que algumas mobilizam os leitores a tecerem comentários enquanto outras são simplesmente ignoradas? Essa indagação de Taborda (2017) é respondida por um importante postulado de Spinoza (1677/2014, p. 99): “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras,

pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor”. O encontro com certas notícias pode produzir bons ou maus encontros, conforme haja ou não composição nos interesses. Aprendemos com Spinoza (2014) que no bom encontro há a produção de um aumento de energia (cujo afeto é de alegria), enquanto que em um mau encontro ocorre uma diminuição da energia (uma decomposição marcada pelo afeto de tristeza). Em ambos os casos, existe certa intensidade. Acontece que certas notícias não tornam sua potência nem menor, nem maior. O que define a existência ou não da variação da potência é a ideia de comum (Spinoza, 2014). Quando não há algo em comum entre o leitor e o texto escrito, as notícias não possuem nenhuma relevância e nem sequer mobilizam comentários (Taborda, 2017).

O autor conclui que o uso dos espaços é inseparável do uso dos afetos. A Psicologia quase sempre esteve ocupada em questões internas dos sujeitos ou, quando muito, interessou-se apenas em ambientes reduzidos como a família ou pequenos grupos (Álvaro; Garrido, 2006). Se a Psicologia ainda ignora a cidade e o quanto ela nos subjetiva e nos constitui, o jornal busca fazer diariamente esta conexão entre o sujeito e a multiplicidade de fenômenos aleatórios que o atravessa.

É neste sentido que a escrita jornalística pode ser uma ferramenta interessante para analisar a vida social, seja ela vivida em espaços físicos, como na prática da pichação, seja ela ocorrendo em espaços virtuais, como nas notícias e seus comentários (Taborda, 2017).

O jornal como um recurso narrativo para uma tese de doutorado

Na tese de doutorado *Práticas de Exclusão em Ambiente Escolar*, defendida em 2015 no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro, buscamos cartografar os processos de exclusão que se deflagram num curso de Educação de Jovens e Adultos.

Como recurso narrativo, criamos o jornal fictício *Correio de Sant’Anna do Parahyba* e toda a tese foi construída no âmbito desse jornal. Dessa forma, fazendo um paralelo com um formato tradicional de escrita acadêmica, cada seção do jornal abordou uma dimensão da tese.

Desse modo, o trabalho é composto por oito edições do jornal, que contam com: a *Primeira Página*, que expõe todos os assuntos que serão abordados em tal número, funcionando também como índice; as *Colunas*:

Educação, História, Cultura, Lazer, Política, Economia, Trabalho e Saúde, que têm o objetivo de abordar o contexto de (cidade), município no qual a pesquisa foi realizada; e os *Cadernos Especiais*, que abordaremos mais detalhadamente.

No caderno *Fios da Meada* criamos o personagem de um antropólogo que descreve a pesquisa realizada em uma escola da rede estadual de Mato Grosso do Sul, onde lançamos mão integralmente do Caderno de Campo construído durante as observações realizadas em 2013, em turmas de Educação de Jovens e Adultos e entrevistas com 11 alunos que deixaram de frequentar as aulas naquele ano.

Apresentamos nossas teorizações no caderno *De uma prática à outra* lançando mão das ideias de Educação Popular, alfabetização de adultos e evasão escolar de Paulo Freire; buscamos em Deleuze os conceitos de sistemas arborescentes e rizomáticos, máquina de guerra nômade e aparelho de estado; e em Michel Foucault as elaborações de Poder Disciplinar e seus mecanismos.

Em *Mitologias*, a partir de dados produzidos em campo e com vistas na teorização, criamos um caderno de literatura a fim de produzirmos contos baseados no cotidiano dos estudantes da EJA e as formas de lidar com os processos de exclusão do qual se depararam no âmbito da escola e também fora dela.

Na seção *A sala de aula de Matemática como ela é...*, objetivamos escancarar práticas que são corriqueiramente usadas em aulas de Matemática Escolar, a intenção desta parte foi discutir o ensino de Matemática na Educação Básica e como ele também pode contribuir para exclusão.

Por fim, nos Editoriais são abordadas as linhas de força que permeiam as seções de cada edição, com o objetivo abrir espaço para a problematização de pontos importantes da pesquisa.

Como pode ser observado, não foi criado uma seção que se dedicasse especificamente a discutir a Cartografia como processo de pesquisa acadêmica, assim como o livro *Vigiar e Punir* é um exemplo de Cartografia, o *Nascimento da Clínica* um exemplo de Arqueologia, nossa opção foi apresentar uma forma de Cartografia, "'explicando pelo exemplo', fazendo-a, abrindo mão de explicações teóricas e metodológicas. Claro que a intenção é mostrar uma

forma de Cartografia, admitindo a existência de outras e a impossibilidade de tomar este exemplo como método.” (Rodrigues, 2015, p. 16).

Nesse sentido, entendemos que a escola pesquisada é um dispositivo na acepção de Deleuze (1990), pois é uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear com linhas de força de natureza diferente e o processo cartográfico que nos empenhamos consistiu em desemaranhar alguns destes fios que pudessem nos dar condições de problematizar os processos de exclusões ali presentes.

Também destacamos a processualidade da pesquisa, tendo em vista que nos dispomos a observar as aulas de matemática da EJA da escola José Garcia sem que fossem elencadas a priori categorias a serem observadas e analisadas, buscando experienciar as aulas da EJA para que durante o processo fosse detectadas linhas de força a serem problematizadas. Marca dessa processualidade também está na forma como conduzimos a escolha dos entrevistados e a própria entrevista, iniciamos o trabalho de campo com a intenção de realizar entrevistas, mas sem saber quem seria entrevistado, pois a escolha dos participantes estava atrelada a algo que não tínhamos como prever: o abandono do curso. Após a escolha dos participantes, a forma como conduzimos as entrevistas também é algo a se destacar, pois, apesar de termos um roteiro que orientasse a conversa, fomos para entrevista dispostos a uma conversa livre com os entrevistados de maneira que pudesse emergir temas importantes para ambos.

No que tange às questões teóricas, diferente das concepções totalizadoras de teoria e prática, nós assumimos a concepção de teoria-prática problematizada por Foucault e Deleuze em (Foucault, 1998), pois não pré-estabelecido um corpus teórico e também não objetivamos que a produção de dados criasse uma nova teoria, mas relações prática-teóricas fragmentárias e parciais, desenvolvidas num outro domínio, que aplicamos ao domínio da Educação de Jovens e Adultos, compreendendo que essa aplicação tem uma abrangência localizada, com possibilidades alguma de generalizações. Para essa aplicação existem obstáculos que exigem o conjunto de revezamentos de uma teoria à outra que forma a prática e também o revezamento de uma prática à outra que produz a teoria (Rodrigues, 2015).

Assim, trouxemos para nos ajudar a discutir os dados produzidos algumas ideias de Paulo Freire, remontando às suas reflexões sobre Educação Popular, desencadeada a partir da experiência de educação não-formal de

alfabetização de adultos, que foi chamada de Círculos de Cultura no início de 1960. Nesses círculos o objetivo não era somente ensinar a ler e escrever, mas neles

[...] as atividades de alfabetização de adultos e posteriormente a Educação Popular tem como ponto de partida o conhecimento/cultura/realidade das classes populares, seus interesses e a busca por uma reflexão sobre as relações de poder presentes entre elas e o Estado/patrão/opressor (Rodrigues, 2015, p. 42).

A partir das ideias freireanas também discutimos a questão da evasão como um processo de exclusão. Para o autor

[...] havia muita [...] gente excluída. O nome que se usava dar a isso era: evasão escolar. Era o nome para as pessoas excluídas da escola.

Partia da escola [...]: dizia uma porção de carências para as pessoas que estavam excluídas da escola [...]. A própria escola (que expulsava) arranjava nomes para balizar os expulsos: menor carente. Ou, então: criança problema.

[...] se os nomes partissem não da escola, mas do dia-a-dia de luta desses grupos populares, ENTÃO os nomes seriam diferentes. Em lugar de concluir apenas que havia evasão escolar, essas pessoas excluídas tinham gestos de resistência cultural. Gestos tímidos, às vezes. Gestos sufocados, outras vezes (Freire e Nogueira, 1989, p. 59 e 60, grifos do autor).

Buscamos também operar com os conceitos de sistemas arborescentes e rizomáticos de Deleuze, buscando discutir a Educação, e também mais especificamente a Educação de Jovens e Adultos. Nosso entendimento é que a EJA se constitui como um Aparelho de Estado, que apesar de ter muita influência do pensamento freireano e suas experiências na Educação Popular, com algo capturado pelo Estado impõe a normalização dos indivíduos e, ainda que seja uma política de inclusão, permanece excluindo os indivíduos que não se encaixam em seus padrões. No entanto, destacamos que mesmo com essa característica arborescente é possível criar focos de resistência no interior desses sistemas.

Também nos remetemos a Michel Foucault e suas ideias sobre Poder Disciplinar e seus mecanismos, compreendendo que a escola, assim como a prisão, hospital, manicômio, fábrica, exército, é uma instituição disciplinar que tem o objetivo de defender o modelo de sociedade vigente. Desse modo, a escola tem como objetivo a normalização dos indivíduos transformando-os em corpos dóceis, ou seja, indivíduos que têm a sua capacidade de produção maximizada e suas possibilidades de resistência às relações de poder minimizadas. Explicado esse processo, Foucault explica:

[...] nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”[...]; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (Foucault, 2005, p. 119, grifos nossos).

Nessa dinâmica, a partir da vigilância, punição e também da recompensa, a escola organiza, ordena, hierarquiza, classifica, homogeneiza, compara, analisa, avalia os indivíduos buscando normalizá-los e exclui os que não se enquadram.

Assim, podemos compreender que sofrem exclusão em função de questões não tão específicas do ambiente escolar, tais como, trabalho,

machismo, violência e maternidade, distância entre residência e escola, mas também por questões específicas como engessamento do horário de aula, questões didático-pedagógicas não adequadas para adultos, organização curricular, dentre outros. Nesse aspecto se enquadra a disciplina de Matemática, pois a forma como essa matemática é trabalhada acaba sendo apenas um amontoado de técnicas e regras que pouco tem a ver com a Ciência Matemática, essa forma de trabalhar acaba também contribuindo para inclusão, pois muitas vezes é vista como uma disciplina para “gênios”, necessidade de um trabalho sequencial baseados em pré-requisitos, muitas vezes baseada em memorização de regras e resultados e sem contextualização, dentre outras coisas contribuem para colocar a Matemática Escolar como um filtro social.

O inesperado como potência para a pesquisa e a escrita de uma tese-romance



Fonte: elaborado pelo autor.⁵

A música “Vida”, que integra o álbum de mesmo nome, lançado em 1980, do cantor, compositor, escritor e dramaturgo Chico Buarque é invocada neste texto como uma espécie de operador escolhido a dedo por quem vos escreve.

Na primeira estrofe de *Vida*, Chico canta: “Vida, minha vida / Olha o que é que eu fiz / Deixei a fatia mais doce da vida / Na mesa dos homens de vida vazia / Mas, vida, ali, quem sabe, eu fui feliz”. Quando ouvimos e lemos essa estrofe, pulsou forte a ideia de que, talvez, o marginal, o desvalorizado, o

⁵ <https://youtu.be/Xglcx9-l65E>

rejeitado, ..., possam produzir vida e felicidade. Produzir com o inesperado, prática política presente nesta poética, também explorada por Manoel de Barros, parece ser recorrente na obra de Chico Buarque (veja a música Geni e o Zepelim).

O eu lírico parece insistir no inesperado na segunda e na sexta estrofe, como uma espécie de grito: segunda estrofe - “Vida, minha vida / Olha o que é que eu fiz / Verti minha vida nos cantos, na pia / Na casa dos homens de vida vadia / Mas, vida, ali, quem sabe, eu fui feliz”, sexta estrofe - “Vida, minha vida / Olha o que é que eu fiz / Toquei na ferida, nos nervos, nos fios / Nos olhos dos homens de olhos sombrios / Mas, vida, ali eu sei que fui feliz”.

Inspirados em tal música e na obra de Chico Buarque, nossa intenção neste momento do artigo é criar um conceito aberto de inesperado e junto a esse conceito pensar a pesquisa e escrita que estamos desenvolvendo na tese do terceiro autor.

Estamos entendendo o inesperado como aquilo que nos estremece, que opera uma subversão do que é esperado, do que é comum em um determinado contexto. É aquilo que causa um arfar, um silêncio, um sorriso, uma alegria, um coração acelerado,

Quem esperava que o eu lírico de Chico fosse ficar feliz tocando “na ferida, nos nervos, nos fios / Nos olhos dos homens de olhos sombrios”?

O conceito apresentado suscita alguns desdobramentos e reflexões. Uma delas consiste no fato de que a aposta em um inesperado, em uma produção, nem sempre tem êxito, pois cada leitor(a) é único(a), o que demarca uma espécie de limitação parcial. Parcial, pois há muitos(as) leitores(as) por aí.

Uma outra reflexão é que pode não ser produtivo criar tendo a todo momento como orientação a busca pelo inesperado, pois tal prática pode causar sofrimento e talvez até paralisação.

Em nossa pesquisa de doutorado, em desenvolvimento, apostamos na escrita literária, mais especificamente na escrita de um romance.

A ideia do romance se deu por meio de um acontecimento inesperado, que inicialmente causou estagnação, um acontecimento que atingiu o corpo, que causou sofrimento, mas em meio a todos esses efeitos, criamos:

Não desiste de mim não

Por onde andas, minha cara palavra?

Por que se escondes,

porque corres do meu peito?

Logo agora que do teu colo fiquei afeito,

logo agora que o caminho ficou mais estreito.

Não sei se meus adjetivos

não são eloquentes o suficiente,

ou se o meu verbar carece de movimento,

ou se são as legalizadas drogas,

sei lá qual for o motivo,

preciso de ti, preciso do teu doce acalento.

Já recorri ao melodiar de Chico,

às crônicas de Saez,

ao pássaro de Bei,

aos causos do seu Zé e dona Cida,

mas nada do carinho de tuas sílabas.

Se você acha que desistirei,

enganada estás,

eu sempre te amarei,

eu sempre contarei ao mundo o quanto és sublime,

o quanto tuas letras são imensidões.

Tal pesquisa também se sujou de Cartografia dos pés à cabeça. Escrita junto às literaturas, a tese acompanha a história de João, um doutorando em



Educação Matemática, e suas andanças e experimentações com a palavra e ideia chamada “militância”.

Um conceito mobilizado em nossa pesquisa é o conceito de educação menor, proposto por Gallo (2002) a partir do conceito de literatura menor de Deleuze e Guattari (1977). Diferentemente da educação maior, que está encarnada nos sistemas de ensino, nas políticas educacionais, nos documentos oficiais, que opera o que “Foucault denominou uma biopolítica, uma política de controle populacional” (Gallo, 2013, p. 9), a educação menor é aquela educação que ocorre no dia a dia da sala de aula, nas brechas do instituído, que não busca reforçar processos de homogeneização, que é produzida coletivamente.

No primeiro capítulo da tese, estamos compondo com o conceito de educação menor junto a uma metáfora, que relaciona a educação maior e a educação menor com um condomínio onde o personagem João mora. Enquanto a educação maior corresponderia ao contrato e as regras de convivência do condomínio, a educação menor teria como correspondente os modos singulares de habitação daquele espaço.

No segundo capítulo, um espaço de partilha é criado entre o doutorando e outras personagens como Carolina Maria de Jesus, Buchi Emecheta, Ubiratan D’Ambrósio, Gilles Deleuze, Félix Guattari, e outras. Em encontros pelo Meet, discutem o que fariam se fossem professores de Matemática, o que pode ser militância, e, em um último encontro, produzem contos.

Os dados da pesquisa em questão foram produzidos junto a uma turma da Licenciatura em Matemática de uma universidade pública brasileira. Dentre as temáticas que emergiram nas aulas, discutiu-se também sobre Ética, Desigualdade Social, Antirracismo e Intolerância Religiosa.

Não temos a pretensão de dizer que nossas pesquisas fazem ressoar o conceito de inesperado, mas ele nos acompanhou até aqui, mesmo que só agora o materializamos neste texto. A escrita produzida junto a esse conceito pode operar por meio de experimentações, experimentações estas que tensionam e problematizam o normal, o esperado, o convencional, o tradicional, ...

Para nós, cartografar pode ser, também, experimentar com o inesperado.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Buscamos problematizar nesse texto que, a escrita acadêmica como prática social, para que não seja limitada a mera abstração, não pode ficar restrita a formatos acadêmicos tradicionais, mas dialogando com o contexto que está sendo investigado e, para que possa dar conta da realidade rizomática, precisa ser inventiva e potente.

Apesar de apresentarmos textos de áreas aparentemente tão distantes como a Educação Matemática e a Psicologia, intentamos mostrar como, a partir da possibilidade de multiplicidade e diferença proporcionada pela perspectiva cartográfica, podemos experimentar modos outros de escrita acadêmica.

Nossa intenção ao apresentar investigações que operam com a escrita jornalística e literária não foi estabelecer formas únicas para a pesquisa em Psicologia e Educação Matemática, ao contrário, buscamos exercitar tais possibilidades estéticas entendendo que é possível existir outras e que estabelecer normas pode diminuir a potencialidade de criação.

Quanto às lacunas deixadas por esta pesquisa e as possíveis pesquisas futuras, sugerimos que tais pesquisas não se fixem nos pressupostos positivistas e ousem ser mais inventivas. Além disso, a Cartografia é um método relativamente novo, o que dá margem para diversos usos nos contextos de pesquisa.

Enfim, acompanhamos Clarice Lispector quando ela diz: “E que eu tenha a grande coragem de resistir à tentação de inventar uma forma” (Lispector, 2020, p. 13).

REFERÊNCIAS

Álvaro, José Luís; Garrido, Alicia. **Psicologia Social: Perspectivas Psicológicas e Sociológicas**. São Paulo: Editora McGraw-Hill, 2006.

Baptista, Luiz Antônio. Epifania Metropolitana. In: **Corpocidade 2: debates em estética urbana**, Salvador: EDUFBA, v. 1. p. 21-23, 2010. Disponível em: http://www.corpocidade.dan.ufba.br/2010/caderno_provocacoes.pdf Acesso em: 15 jun. 2023.

Certeau, Michel de. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

Costa, Luciano Bedin. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 066–077, 2014. DOI: 10.5902/1983734815111. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>. Acesso em: 20 jun. 2023.

Deleuze, Gilles. **O que é um dispositivo?** In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990.

Deleuze, Gilles. **Espinoza: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

Deleuze, Gilles. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Editora 34, 1995.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Espinoza [Spinoza], Baruch de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

Facina, Adriana. **Santos e Canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2004.

Freire, Paulo; Nogueira, Adriano. **Que fazer: Teoria e Prática em Educação Popular**. Petrópolis: Vozes, 1989.

Foucault, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro, Ed. Cadernos da PUC/RJ, 1974.

Foucault, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola Graal, 1996.

Foucault, Michel. **Microfísica do poder**. 13º ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

Foucault, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

Foucault, Michel. **Ditos e escritos IV. Estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

Gallo, Sílvio. Em Torno de uma Educação Menor. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 27, n. 2, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25926>. Acesso em: 20 jun. 2023

Gallo, Sílvia. Em torno de uma educação menor: variáveis e variações. In: **36ª Reunião Nacional da ANPEd**, 2013, Goiânia. Sistema Nacional de Educação e Participação Popular: desafios para as políticas educacionais. Goiânia: ANPEd, 2013. p. 1-12.

Latour, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

Lispector, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

Prodanov, Cleber Cristiano; Freitas, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

Peters, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Rodrigues, Thiago Donda. **Práticas de exclusão em ambiente escolar**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

Rolnik, Suely. **Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

Scisleski, Andrea Cristina Coelho; Hünning, Simone Maria. Imagens do escuro: reflexões sobre subjetividades invisíveis. **Rev. Polis Psique**, Porto Alegre, v. 6, n. spe, p. 8-27, jan. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2016000100002 Acesso em 15 jun. 2023.

Spink, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 72 p. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/w9q43> Acesso em: 30 mai. 2023

Taborda, Jeferson Camargo. A homofobia em espaços públicos e privados: antropologia do corpo e das emoções em Nelson Rodrigues. **Revista Periódicus**, 1(18), 266–281, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i18.50112> Acesso em: 15 jun. 2023.

Taborda, Jeferson Camargo. **Uso dos espaços e uso dos afetos: cartografias da pichação para pensar as relações entre a cidade e a governamentalidade**. Tese

(Doutorado)_Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2017. Disponível em: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/1023422-1.pdf> Acesso em: 15 jun. 2023.

Submissão em 21 de junho de 2023.

Aceite em 09 de janeiro de 2024.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0

Internacional. Texto da Licença:
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.19 e258968 [2024]
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.258968>